

O momento e o movimento das palavras em Sandra Lencioni

Olga Firkowski
UFPR

p. 451-461

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 20 • nº 3 (2016)

ISSN 2179-0892

Como citar este artigo:

FIRKOWSKI, O. O momento e o movimento das palavras em Sandra Lencioni. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 3, p. 451-461, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/6465>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2014.84539>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

O momento e o movimento das palavras em Sandra Lencioni

Resumo

Este texto faz uma breve reflexão sobre a produção acadêmica de Sandra Lencioni destacando aspectos particulares da estrutura de seus textos, caracterizados pelo esclarecimento do sentido das palavras, ora para afirmar sua condição de noção ou indicar seu tratamento como conceito, ora para mostrar suas variações ao longo do tempo. Procura ainda identificar sua influência na formação de recursos humanos qualificados e na divulgação de suas ideias, pela identificação das palavras-chave de sua produção bibliográfica e de dissertações e teses defendidas por seus orientandos, bem como dos lugares onde seus textos foram publicados e atuam seus orientandos.

Palavras-chave: Lencioni. Geografia. Produção acadêmica. Conceitos. Influência.

The moment and the movement of words in Sandra Lencioni

Abstract

The text aims to show Sandra Lencioni's academic production, highlighting particular aspects of the structure of her texts, always clarifying the meaning of words and their sense of condition; indicating their treatment as a concept, or displaying their variations over time. Sandra Lencioni's influence is measured by the formation of qualified human resources and the dissemination of her ideas. Keywords are identified from her bibliographic production and dissertations and theses of her students, and the places where her texts were published and where her students work.

Keywords: Lencioni. Geography. Academic production. Concepts. Influence.

Introdução

A alegria de estar aqui hoje, só não é maior do que a responsabilidade de participar dessa mesa, cujo título já nos mostra a amplitude do que é esperado “Contribuições à formação e produção acadêmica”, no interior de um evento denominado Colóquio Sandra Lencioni: trajetória intelectual.

Estou muito feliz em participar desse momento ímpar tanto na dimensão acadêmica quanto na dimensão pessoal. Parablenizo a iniciativa de organização desse evento e todos os que se mobilizaram para que ele se tornasse realidade, sei que não foram poucas pessoas... A tarefa que me foi solicitada é difícil. Mas desafios sempre são instigantes e aceitei enfrentar mais esse: fazer uma reflexão sobre a contribuição de Sandra Lencioni para a formação e para a produção acadêmica, desde minha experiência e perspectiva.

Dada a natureza híbrida desse evento, fiquei pensando no que dizer, em como dosar uma intervenção entre conteúdo acadêmico e emoção. Decidi começar pela emoção.

Buscar no passado minha conexão com Sandra me remeteu a dois momentos: a primeira conversa que tive com ela e o primeiro texto que li de sua autoria. E já se passaram mais de 20 anos, 22 para ser exata!

Essa velocidade do tempo me fez lembrar o poema de Mário Quintana, “Seiscentos e Sessenta e Seis”, diz o poeta:

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é 6^a-feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.

seguia sempre, sempre em frente ...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

(Quintana, 2005, p. 479)

O tempo permeia nossas lembranças ao nos fazer recordar de pessoas, acontecimentos e lugares que foram fundamentais em nossas vidas.

Assim, Sandra (peço licença para, mesmo num evento acadêmico, me dirigir a você, ao longo desse texto, na maioria das vezes como Sandra), você é uma dessas pessoas que teve a grandeza de compartilhar sua vida com outros, e eu sou um desses outros...

Foi no ano de 1994, quando me inscrevi, pela primeira vez no processo seletivo para o doutorado em geografia que conheci Sandra, no momento da entrevista. Contudo, não foi dessa vez que eu ingressaria no doutorado, o que veio a ocorrer dois anos depois.

O primeiro texto foi a orelha de *A produção social do espaço urbano*, de Mark Gottdiener, publicado em 1993.

Sim, uma orelha de livro, mas que, para o jornalista Al’ Hanati (2009), embora seja “um pedaço da capa dobrado para dentro [...] tem o privilégio de ser mais lido que o próprio livro e o poder de interessar leitores ou encalhar edições inteiras”. Assim, a orelha precisa convencer o leitor do interesse da leitura e, é claro, o texto de Sandra cumpriu muito bem esse papel.

Foi com o início de meu doutorado, em 1997, que Sandra entrou definitivamente em minha vida e, acredito, também eu tenha entrado na sua. A relação orientadora-orientanda se fortaleceu e ultrapassou a formalidade, ao mesmo tempo em que o respeito e a admiração aumentavam.

Diversos eventos em diferentes lugares, no Brasil e no exterior, garantiram aprofundar a interlocução acadêmica. Contudo, uma advertência deve ser feita: tal qual figura em certas revistas e livros, o *conteúdo dos trabalhos que elaborei é de minha total responsabilidade, e não reflete necessariamente a opinião de Sandra*.

Ao longo do tempo, compartilhamos também diversos espaços de trabalho e pesquisa: a participação no projeto temático “O novo mapa da indústria no estado de São Paulo”, coordenado pelo professor Eliseu Sposito entre os anos de 2006 e 2011; a comissão de área de geografia na Capes, entre os anos de 2008 e 2010, sob coordenação do professor José Borzachiello da Silva; a coordenação do GT Cidade e região na Anpege, desde 2011, compartilhado com os professores José Borzachiello da Silva e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr.; bancas de mestrado, doutorado e concurso público; mesas redondas em eventos, entre tantos outros momentos importantes para minha formação profissional e pessoal.

Mas, como afirmei que começaria pela emoção, quero também recuperar a origem do nome Sandra.

Segundo o Dicionário de Nomes Próprios, Sandra significa “protetora da humanidade” ou “defensora do homem”.

A origem do nome é grega e deriva dos verbos *aléxo*, que significa “defender, proteger” e do verbo *andrós*, que significa homem, portanto, daí sua junção em Aléxandros, e seu significado conjunto de “defensor da humanidade” ou “protetor do homem”.

Na língua portuguesa, esse nome acompanha a grafia do italiano que, por sua vez, é um diminutivo de Alessandra e Cassandra. Essa variação feminina do nome é mais recente, data do século XIII.

Ao fazer isso, parto para a segunda dimensão dessa intervenção, o conteúdo acadêmico, embora aqui registre a completa indissociabilidade, nesse evento, de conteúdo acadêmico e conteúdo emocional.

A citação anterior retirada do Dicionário de Nomes Próprios nos remete diretamente a um traço marcante na obra de Sandra, qual seja, o esclarecimento dos termos utilizados, via de regra, recorrendo a um dicionário para fazê-lo, para por os “pingos nos is” quanto ao sentido das palavras, muitas vezes para afirmar sua condição de noção, outras para indicar seu tratamento como conceito, outras ainda para mostrar as variações ocorridas ao longo do tempo.

Seu cuidado e rigor com a língua portuguesa, muito provavelmente esteja ligado ao seu ofício de professora-alfabetizadora, antes de se dedicar à geografia. Mas é revelador também de seu cuidado com as palavras, marca registrada em seu estilo de redação.

Isto porque, como nos lembra Fourez (1995, p. 44):

[...] a língua já é uma maneira cultural de estruturar uma visão, uma compreensão. Uma descrição em uma língua não dará os mesmos efeitos que em outra. Somos, desse modo, irremediavelmente presos à linguagem, que existe antes de nós e continuará existindo depois de nós.

Também a estrutura de seus textos é reveladora dessa preocupação e da harmonização entre as partes, assim como o uso frequente de figuras de linguagem.

Claro que a tarefa de analisar a obra completa de Sandra Lencioni passou longe de minhas possibilidades e competências. Contudo, decidi destacar elementos daqueles textos que fazem parte do meu universo de trabalho, seja aqueles que subsidiam pesquisas e demais reflexões, seja aqueles usados em sala de aula, com alunos de graduação e pós-graduação.

Impossível não destacar aqui um texto em especial, “Observações sobre o conceito de cidade e urbano” (Lencioni, 2008, p. 113), e se deparar com a seguinte afirmação:

Gramaticalmente a palavra cidade é um substantivo, ou seja, uma palavra que serve para nomear um objeto determinado e possui várias acepções na língua portuguesa. [...] quanto à palavra “urbano”, essa palavra é um adjetivo e serve, assim, para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo; ou seja, serve para caracterizar o que foi nomeado.

Contudo, a síntese que se segue parágrafos abaixo é merecedora de destaque, afirma a autora:

Quando, porém, o adjetivo que caracteriza o substantivo se torna o termo principal, ele deixa de ser um adjetivo e passa a ser a substantivação do adjetivo. É nessa condição, de substantivação do adjetivo, que a palavra “urbano” será aqui tratada (Lencioni, 2008, p. 113).

É interessante lembrar a expressão dos alunos do quarto período de geografia da UFPR ao ler esse trecho: estavam perplexos por ver que sim, a prova de língua portuguesa no vestibular é fundamental para a geografia.

Nesse texto, Sandra lembra que “para que exista um conceito é necessário defini-lo e, para isso, é necessário palavras e a forma de linguagem” (Lencioni, 2008, p. 112). Na construção do texto, recorre ainda a diversos dicionários, antes de enveredar pelos autores acadêmicos e que cunharam conceitos específicos.

Em seu texto “Região e geografia. A noção de região no pensamento geográfico” (Lencioni, 1999, p. 187), introduz a palavra “região”, afirmando que:

A palavra região torna os geógrafos prisioneiros de um problema complexo, pois tem sentidos variados. É uma palavra de uso corrente e, como às vezes ocorre com o discurso geográfico, se exprime por metáforas, a exemplo da expressão ‘região que trabalha’. Outra dificuldade decorre do fato de a palavra região assumir, frequentemente, um caráter ideológico, na medida em que serve de referência para a construção de mistificações geográficas, tornando-se, por isso, um instrumento de manipulação política.

Em seguida busca a contextualização temporal da palavra região, desde a Antiguidade Clássica. Novamente, observa-se a preocupação com as transformações de uma palavra ou conceito com o tempo.

Em seu texto “Referências analíticas para a discussão da metamorfose metropolitana” (Lencioni, 2011), afirma que a transição metropolitana é acompanhada por uma pluralidade de nomes que buscam “identificar essa metamorfose socioespacial”, salienta que:

[...] a pluralidade de nomes indica a insuficiência da denominação metrópole para nominar a metrópole em transição, para nominar o novo significado que configura. Metápolis, exópolis, cidade-região, cidade dispersa, metrópole expandida, metrópole dispersa, metrópole

difusa... são alguns exemplos de denominações recentes, entre tantos outros que poderíamos citar. O que importa reter é que em todas essas denominações vamos encontrar o vocábulo polis ou o nome cidade, que nos faz pensar que embora os nomes busquem expressar algo novo, nenhum deles omite a palavra cidade ou pólis, reafirmando na metrópole em transição, o sentido de pólis, de cidade e desprezando o sentido de anticidade (Lencioni, 2011, p. 51).

Prossegue, e ao se referir ao sentido estabelecido entre colônias e metrópoles na Antiguidade, afirma que:

[...] esse sentido, de vínculo, de origem, contido no vocábulo métra (útero, mãe) é que foi pinçado na história para o uso moderno da palavra. Como é sabido, a palavra metrópole vem do latim metrópolis, que é derivada do vocábulo grego metrópolis, formado pela junção de métra com pólis (cidade). Como dissemos, foi o sentido de métra, de útero, de mãe, contido na palavra metrópole, que inspirou seu uso na época moderna. E, longe do que possa parecer, não foi devido ao sentido de pólis que se reutilizou a palavra metrópole nos tempos modernos, uma vez que pólis, cidade, continha um significado diverso do que usamos hoje, pois tinha o sentido de cidade-estado (Lencioni, 2011, p. 52).

Sua busca pelo sentido das palavras se observa ainda nesse mesmo texto, quando recupera as ideias de Lefebvre e nos adverte acerca das palavras *diversidade*, *distinção* e *diferença* ao tratar da fragmentação do espaço, afirma a autora:

Insistimos em dizer diferenças e em negar os termos diversidade e distinção. Para Lefebvre (1970) não se pode empregar nem a palavra diversidade e nem a palavra distinto para falar dessas diferenças. Ele insiste na observação de que a palavra diversidade exprime apenas o sentido de constatação, ficando, portanto, na superfície da questão. Exemplificando, quando se diz que há uma diversidade grande no comércio daquela cidade, se está, de fato, percebendo e vendo que o comércio não é uniforme, apenas se constatou que não é igual.

Lefebvre insiste em dizer, e com razão, que não se deve também empregar a palavra distinto porque essa palavra carrega em si o sentido de separação e de discriminação, se constituindo, para Lefebvre (1970), numa denominação elitista a ser evitada. Por exemplo, quando se diz que pelas roupas via-se que tal indivíduo era pessoa distinta, não um João-ninguém, se está dizendo que a pessoa é de um alto estrato social. Atribui-se, portanto, uma hierarquia na fala. Daí, do fato de a palavra distinto carregar também esse sentido, deve-se, portanto, evitá-la quando a questão se remete à diferença, não assumindo como sinônimo de diferença, nem a palavra diverso e nem, como comentamos primeiro, a palavra distinto. (Lencioni, 2011, p. 58)

Em outro texto, “Acumulação primitiva: um processo atuante na sociedade contemporânea” (Lencioni, 2012), Sandra discute o termo apresentado por Harvey, qual seja, *accumulation by dispossession*, e sua tradução literal, *acumulação por desapossamento*. Sobre isso, afirma a autora:

Antes de discutir a colocação de Harvey, cabem algumas observações em relação ao termo acumulação por desapossamento. A tradução de *accumulation by dispossession*, como *acumulação por desapossamento* foi proposital, achamos que valia a

pena, iniciando essa discussão, fazer uma tradução literal, que, como verão, será abandonada, mas que, por ora, é importante para situar duas ordens da questão sobre acumulação, que permitirão avançar com mais clareza na discussão proposta. A primeira ordem diz respeito à distinção necessária entre posse, propriedade e apropriação. A posse sempre se refere à posse de um objeto e, portanto, para que a posse exista é necessária uma relação entre o sujeito e o objeto. A propriedade, por outro lado, se inscreve no domínio do direito, da outorga e precisa ser reconhecida socialmente. E, a apropriação diz respeito à posse e à propriedade, sendo, portanto, uma síntese de ambas. Essas diferenças são importantes porque permitem perceber que é a propriedade que necessita de reconhecimento social por meio do direito legal. A segunda ordem de questão refere-se ao sentido de a palavra “desapossar”, presente na ideia de *acumulação por desapossamento*. A palavra “desapossar” permite perceber claramente a ideia de negação da posse. Por isso, quisemos ser tão literais, para revelar o conteúdo da ideia de desapossamento. Melhor dizendo, a palavra *desapossamento* revela com transparência ofuscante o prefixo *des* que significa negação; no caso, negação da posse. Outras palavras usam esse prefixo como negação, tais como: desamor, desilusão, desterrar, dasatenção, desacreditar... Traduzimos do original em inglês, *accumulation by dispossession*, por *acumulação por desapossamento* para deixar bem claro a ideia de negação de posse. No entanto, na tradução francesa do livro de Harvey, bem como na espanhola e na portuguesa o termo *accumulation by dispossession* não é traduzido como *acumulação por desapossamento*, mas por *acumulação por expropriação*. Na tradução brasileira é utilizado o termo *acumulação por espoliação*. (Lencioni, 2012, s/p, grifos do autor).

Em seguida, conclui afirmando que o termo mais adequado é mesmo *acumulação por espoliação*, pois remete ao sentido de *desapossamento*, contido no original em inglês. Ou seja, observamos nesse trecho que todas as palavras utilizadas são objeto de meticuloso escrutínio, que precedem o mergulho no tema propriamente dito, para não haver equívocos acerca do sentido que se atribui às mesmas. Destaca-se, nesse caso, a crítica pertinente às traduções que muitas vezes inserem palavras em nosso vocabulário geográfico que em muito se distanciam do sentido atribuído às mesmas na língua original.

Outros recursos frequentemente usados por Sandra são: (i) a figura de linguagem e (ii) as imagens; quem aqui já não assistiu a uma conferência de Sandra baseada na projeção de um único e contundente slide?

Em seu texto “Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional” (Lencioni, 2007), afirma, nas considerações finais, e após tratar do conceito de condições gerais de produção, que:

O uso do conceito de condições gerais de produção não permite deixar oculto o que é significativo. Um exemplo talvez ajude a esclarecer o que queremos dizer: Valdée (1992) diz que a água é condição para o surgimento dos seres vivos. No entanto, ela, em si mesma, não explica a aparição da vida; ou seja, não é a causa da vida nem dá origem à vida. A água cria a possibilidade, mas não determina a vida.

Do mesmo modo, as condições gerais de produção criam possibilidades para a reprodução do capital, mas não são a causa da reprodução do capital porque o que determina a reprodução do capital são as relações sociais de produção (Lencioni, 2007, p. 8).

Em recente texto sobre o uso de helicópteros em São Paulo, “Helicópteros em São Paulo. O controle do espaço aéreo e a insubordinação dos helipontos” (Lencioni, 2014, p. 4), Sandra afirma que:

[...] dizer que os helicópteros voam pelo céu e cruzam o espaço não é suficiente para compreendermos a relação entre helicópteros e cidade. Isso devido os seguintes motivos: o primeiro, é que o espaço não pode ser visto como dádiva divina ou como primeira natureza, portanto, não se confundindo com atmosfera. O segundo, porque ele não pode ser entendido no seu sentido genérico, como extensão infinita.

Prossegue argumentando que:

Só na aparência os helicópteros voam pelos céus e atravessam o espaço. Essa é a primeira observação digna de nota. O fato é que os helicópteros voam sobre um espaço aéreo, sobre um espaço produzido socialmente. Já não se trata do céu, de atmosfera, de espaço, de natureza em si. Trata-se de espaço aéreo, trata-se de um espaço produzido socialmente, com normas e regras rigidamente controladas. O que é fundamental dizer e buscando o rigor necessário, é que os helicópteros voam sobre o espaço aéreo, só no sentido figurativo eles voam sobre o céu. As nuvens, as chuvas, as trovoadas, os raios, os arco-íris, o nascer do sol que ilumina e a noite que tudo encobre se dão num espaço aéreo, num espaço humanizado, que se coloca como estratégico e político. Isso nada tem a ver com primeira natureza (Lencioni, 2014, p. 5).

Assim, Sandra acrescenta elegância textual ao rigor acadêmico, criando uma fórmula particularmente atraente e sedutora aos leitores.

Para encerrar esse breve sobrevoo por parte da produção bibliográfica de Sandra Lencioni, quero apresentar outra dimensão do conteúdo acadêmico produzido por ela, que talvez expresse de modo contundente o título dessa mesa “Contribuições à formação e produção acadêmica”.

Para tanto, parti de questionamentos simples como: por onde anda a influência de Sandra?, qual o alcance de seu trabalho em termos de formação de pessoas qualificadas para a pesquisa e a docência? ou, numa alusão aos quesitos de avaliação da Capes, qual sua capacidade em termos de nucleação na geografia brasileira?, quais temas são a maior expressão de suas preocupações acadêmicas? onde seus textos foram publicados?

Para responder, ao menos parcialmente, a essas indagações, resolvi fazer uma busca em seu currículo Lattes, me preocupando com quatro informações, reunidas em pares, respectivamente, sobre sua produção bibliográfica, reunida no par: (i) palavras-chave e locais de publicação e (ii) sobre seus orientandos de mestrado e doutorado, também reunidos no par, palavras-chave e lugar de atuação profissional atual.¹

¹ Para elaboração das nuvens de palavras, consultou-se o currículo disponível na plataforma Lattes, compilando-se as palavras-chave e os lugares de publicação de seus artigos completos em periódicos, trabalhos completos em anais de eventos, livros e capítulos de livros. No que concerne às orientações, identificou-se o número de vezes que cada palavra-chave apareceu em teses e dissertações, tanto em andamento como concluídas, bem como o lugar de atuação profissional atual de cada orientando. As palavras-chave, tanto de orientações como de publicações, foram organizadas em forma de nuvem, e os lugares, em forma de árvores, ambos a partir da plataforma *on-line* Tagul – Word Cloud Art

Árvore 1 – Sandra Lencioni: lugar de publicação dos textos de sua autoria



fonte: plataforma Lattes (CNPq), consulta em 3 mar. 2016

organização: Ivandra Alves e Ana Caroline Chimenez.

Árvore 2 – Sandra Lencioni: cidades onde atuam seus orientandos de mestrado e doutorado (concluídos e em andamento)



fonte: plataforma Lattes (CNPq), consulta em 3 mar. 2016

organização: Ivandra Alves e Ana Caroline Chimenez.

A escolha por nuvens e árvores também tem sentido figurado:

- nuvens: são compostas pelas palavras-chave de seus textos e dos de seus orientandos. Em sua interpretação geográfica, as nuvens têm tipos variados: podem ou não se precipitar, mas são essenciais ao ciclo d'água, pairam sobre a objetividade da superfície, têm movimento, ora se juntam, ora se separam, tal como os conceitos e os temas que perseguimos para explicar nossos objetos de pesquisa;
- árvores: metaforicamente é isso que você, Sandra, vem fazendo ao longo de sua carreira: semeia um terreno, que às vezes é pedregoso, planta uma ideia que pode ou não florescer, colhe os frutos daquelas que floresceram e ainda permite que as sementes brotem novamente e novas árvores surjam... nessas árvores, podemos ver por onde suas ideias se ramificam, onde você está, sem estar presente, mas por meio de ideias, conceitos e práticas que compartilhou conosco: seus orientandos e seus leitores.

Uma última palavra: gratidão, pela sua contribuição à geografia brasileira, pelo exemplo de rigor, pelos diversos ensinamentos e, não menos importante, pela sua amizade.

Referências

- AL'HANATI, Y. O segredo das orelhas de livros. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 ago. 2009.
- DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Significado do Nome Sandra. Disponível em: <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sandra/>. Acesso em: 1 mar. 2016.
- FOUREZ, G. Reflexões epistemológicas: o método científico: a observação. In: _____. **A construção das ciências**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995. p. 37-61.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.
- LEFEBVRE, H. **Le manifeste différentialiste**. Paris: Gallimard, 1970.
- LENCIONI, S. Helicópteros em São Paulo: o controle do espaço aéreo e a insubordinação dos helipontos. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XVIII, n. 493, 2014. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit//sn/sn-493/493-56.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- _____. Acumulação primitiva: um processo atuante na sociedade contemporânea. **Confin**, n. 14, 2012.
- _____. Referências analíticas para a discussão da metamorfose metropolitana. In: LENCIONI, S. et al. (Org.). **Transformações socioterritoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago**. São Paulo: FAU-USP, 2011. p. 51-60.
- _____. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), n. 24, p. 109-123, 2008. ISSN 2179-0892. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74098>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2008.74098>. Acesso em: 30 nov. 2016.

_____. Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XI, n. 245, ago. 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24507.htm>. Acesso em: 30 nov. 2016.

_____. Região e geografia: a noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 187-204.

QUINTANA, M. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

TAGUL – WORD CLOUD ART. Disponível em: <https://tagul.com/>. Acesso em: 10 nov. 2016.